

UM ESTUDO DOS FATORES QUE IMPACTAM NO BAIXO RENDIMENTO ESCOLAR

José Sérgio de Jesus¹
Maria das Neves da Silva²

Resumo

O presente trabalho objetivou verificar quais os fatores que impactam no baixo rendimento dos estudantes do ensino fundamental- anos finais, identificando o nível de participação da família no processo de acompanhamento da vida escolar do filho; descrevendo as formas de intervenção do corpo docente frente ao baixo rendimento escolar; buscando entender a importância e influência da rotina de estudo no desempenho escolar do estudante, destacando as ações da escola para minimizar o baixo rendimento dos mesmos. Nesta perspectiva foi realizada uma pesquisa junto aos egressos do 8º Ano do Ensino Fundamental. A metodologia aplicada foi qualitativa por meio de um roteiro de entrevista que favoreceu coletar dados referentes à percepção e expectativas dos envolvidos frente ao baixo rendimento escolar. Foram ouvidos 27 participantes. O tema em foco motivou um estudo, tratando-se de uma pesquisa analítico-descritiva. Conclui-se que os sujeitos tendem a atribuir a si mesmos as causas do seu insucesso escolar. Os resultados do estudo sinalizam que a escola da maneira como se apresenta hoje, não pode se eximir de sua parcela de responsabilidade quanto ao sucesso escolar do aluno.

Palavras-chave: Desempenho. Baixo rendimento. Aprendizagem.

Abstract

This study aimed to determine which factors impact the low income elementary school students year-end, identifying the level of family participation in the monitoring process of the school life of the child; describing forms of intervention faculty against low school performance; seeking to understand the importance and influence of routine study in the student's academic performance, highlighting the school's actions to minimize the low yield of the same. In this perspective we conducted a survey of graduates of the 8th year of elementary school. The methodology was qualitative using an interview guide that favored collect data on the perception and expectations of those involved against poor school performance. 27 participants were heard. The subject in focus led one study, in the case of an analytic-descriptive research. We conclude that subjects tend to give themselves the causes of their academic failure. The results of the study indicate that the way the school is today, cannot escape its share of responsibility for the academic success of the student.

Keyword: Performance. Low Performance. Learning.

¹ Graduado em Ciências-Matemática, Direito e Administração, Mestre em Educação, Doutorando em Administração. Diretor Acadêmico das Faculdades Projeção.

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica de Brasília. Pós graduação em Psicopedagogia- Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Pós graduação em Gestão de processos Acadêmicos- Faculdade Projeção- DF. Orientadora Educacional do Colégio Projeção em Taguatinga-DF

1 Introdução

É relevante conhecer a magnitude das mudanças para entender o ser humano, dentro de um contexto social, compreendendo o caminho que a escola precisa seguir fundamentando sua prática pedagógica consciente do trabalho que os educadores precisam desenvolver, no sentido de levar a conhecer as repercussões advindas das diversas realidades que envolvem o aluno, em vários aspectos importantes no processo de ensino aprendizagem.

Souza (1997), diante desta constatação afirma que não é difícil entender porque muitos alunos veem a si próprios como menos capazes. Na escola, muitas das relações dos alunos com sua própria produção baseiam-se na depreciação, nos sentimentos de desvalor. O olhar patologizador do professor em relação à criança que não “acompanha” as aulas ou o restante da classe, as constantes críticas e comparações produzem autocrítica extremamente negativa nestes alunos. As palavras ditas sobre as crianças e para elas na escola têm o poder de produzir nelas os acontecimentos, as imagens próprias, as representações.

Tentar entender o processo escolar sob a perspectiva crítica implica na compreensão do fracasso ou baixo rendimento escolar a partir de uma análise aprofundada do fenômeno educacional como síntese de múltiplas determinações, e que se situa em um contexto histórico concreto (MEIRA, 2003).

A causa do fracasso escolar não é única, nem é só referente ao professor, nem aos métodos de ensino, nem a escola e nem ao Sistema. A má formação do professor tem grande importância neste contexto; só que esta questão, não pode ser pensada de forma isolada, até porque está mais do que na hora de renovar a reflexão sobre a ação no processo ensino-aprendizagem na escola (DORNELES, 1999).

As diferenças do aprendiz podem ser entendidas como obstáculos de barreiras, encontradas por alunos durante o período de escolarização referente à capacitação ou assimilação dos conteúdos propostos. Nessa perspectiva, o autor orienta que se faz necessário um olhar atento por parte de todos os envolvidos no processo para perceber quando o aluno, por algum motivo, não está acompanhando os conteúdos (REBELO, 1993).

De acordo com Perrenoud (2000), é a própria organização escolar do trabalho pedagógico que gera o insucesso escolar, isto significa que o aluno encontra na escola um ambiente bem diferente do que esperava, por este motivo, em algumas realidades acaba sendo reprovado ou obtendo baixo rendimento escolar.

Para Moysés e Collares (1997), as comparações que são feitas em relação aos alunos são perigosas. Classes, grupos sociais, condições econômicas e culturais diferentes não podem permitir comparações, uma vez que a inteligência não é um fenômeno natural, implícito, genético, pertencente unicamente à criança, mas sim é construída histórica e socialmente.

É preciso também avaliar em que medida a escola preserva seus alunos de outras complicações psicodinâmicas, ajudando na superação de suas dificuldades, ou em que medida a escola se encarrega de confirmá-las e agravá-las (PATTO, 1996).

Lippitz e Levering (2002) advertem quanto à necessidade da família fortalecer o conhecimento e o significado de escola para a criança e que a escola possa confirmar esses significados e conhecimentos.

Assim, este estudo justifica-se por acreditar que tem havido um movimento da sociedade no sentido de se preocupar em ampliar os conhecimentos e possibilitar reflexões para uma questão que vem chamando atenção dos educadores e da família que, embora nos últimos tempos tem se distanciado cada vez mais do ambiente escolar e, conseqüentemente, sofrendo com o insucesso escolar dos filhos.

Contudo, o referido tema despertou uma forte motivação e interesse ao entender que é imprescindível estabelecer uma parceria entre todos os envolvidos no processo, especialmente, a família e os docentes, visando auxiliar os estudantes para que os resultados na aprendizagem e o desenvolvimento integral dos mesmos sejam relevantes.

Fundamentado nessas questões propõe-se uma pesquisa para descrever os fatores que impactam no baixo rendimento dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Dessa forma, o referido trabalho foi desenvolvido contextualizando a problemática do baixo rendimento escolar, buscando compreender o nível de participação da família no rendimento dos alunos; investigando como os docentes lidam com os estudantes que apresentam um baixo rendimento escolar, verificando a influência da rotina de estudo no desempenho escolar do estudante e, finalmente, identificando as ações da escola para minimizar a situação em foco.

Portanto, por meio de uma pesquisa com metodologia qualitativa através de entrevistas com professores, pais, coordenador pedagógico, psicologia escolar e alunos do 8º Ano, que em cinco componentes curriculares atingiram resultados abaixo da média aplicada pelo Colégio (7,0).

Para melhor situar foi realizada uma investigação que permitiu refletir sobre a prática pedagógica que, nem sempre, oferece as condições favoráveis ao sucesso escolar dos estudantes, considerando a situação atual das famílias, suas dificuldades em acompanhar o processo escolar dos filhos, assim como, a postura dos educadores, que servirá de análise frente ao comprometimento e esforço em construir uma relação de parceria tendo em vista a construção de uma aprendizagem significativa.

A escolha do tema se deu pela grande preocupação dos educadores e pais com relação ao nível de aprendizagem escolar dos estudantes. Ambos enfrentam a problemática da falta de organização de estudos dos alunos que, aliada a outros fatores, se julga como uma expressão de falta de compromisso dos mesmos, em todos os sentidos.

Este estudo apresenta como objetivo geral verificar quais os fatores que impactam no baixo rendimento escolar dos estudantes do 8º ano e por objetivos Específicos: i) identificar o nível de participação da família no rendimento escolar dos alunos; ii) descrever as formas de intervenção do corpo docente com o baixo rendimento escolar; iii) verificar a influência da rotina de estudo no desempenho escolar do estudante; iv) identificar as ações da escola para minimizar o baixo rendimento dos alunos.

Vale salientar que a ênfase, muitas vezes, colocada no desempenho do estudante pode dar a impressão de que seu progresso ou o seu fracasso depende exclusivamente dele. Entretanto, isso não é uma afirmativa que expressa a verdadeira realidade. O problema pode estar na relação entre as características e o método empregado pela escola; nas características do professor; nos colegas de sala e, muitos outros, contudo, estes fatores poderão criar boas condições para o aprendizado dos estudantes, todavia, também, podendo dificultar.

Portanto, é imprescindível aprofundar esse tema para comprovar, de fato, quais os maiores obstáculos que causam o sofrimento de tantos estudantes no cotidiano escolar por não encontrarem as condições necessárias para apropriação do conhecimento. É relevante conhecer as mudanças que acontecem na vida dos estudantes, compreendendo o caminho que a escola precisa percorrer para fundamentar sua prática pedagógica, atingindo o educando em suas mais diversas realidades, oferecendo-lhe o suporte necessário mediante seus limites e suas capacidades de aprender.

2 Referencial teórico

2.1. Baixo rendimento escolar na visão de vários autores

Segundo Carraher, & Schliemann (1982), o insucesso escolar aparece como um fracasso da escola, fracasso este localizado: na impossibilidade de aferir a real capacidade da criança; no desconhecimento dos processos naturais que a levam a adquirir o conhecimento; e na incapacidade de estabelecer uma ponte entre o conhecimento prático do qual a criança, pelo menos em parte, já dispõe e os conhecimentos formalizados do currículo escolar.

A educação, assim como todas as áreas sociais, vêm sendo “medicalizada” em grande velocidade, destacando-se o fracasso escolar e seu reverso, aprendizagem, como objetos essenciais desse processo (COLLARES e MOYSÉS, 1994).

As aprendizagens e a não aprendizagem, muitas vezes são relatadas como algo individual, inerente ao aluno, um elemento que transcende, ao qual o professor não tem acesso, portanto, também não tem responsabilidade. Inúmeras vezes o diagnóstico é centrado no aluno, chegando ao máximo até sua família, a instituição escolar, a política educacional raramente são questionadas no cotidiano da escola. Aparentemente, o processo ensino-aprendizagem iria muito bem, se não fossem os problemas existentes nos que não aprendem (COLLARES; MOISÉS, 1994).

Nessa perspectiva, a busca da superação do fracasso escolar se articula a processos mais amplos do que a dinâmica intraescolar, sem negligenciar, nesse percurso, a real importância do papel da escola nos processos de desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes acontece mediante o compromisso de educar (PATTO, 1990).

Necessitamos incorporar conhecimentos sobre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo, estando estes quatro níveis basicamente implicados no aprender. Considerando-se o problema de aprendizagem na interseção desses níveis, as teorias que se ocupam da inteligência, do inconsciente, do corpo, separadamente, não conseguem resolvê-lo (FERNÁNDEZ, 1994).

Neste sentido, Há consenso quanto o fracasso do ensino vernáculo no Brasil. As diversas avaliações oficiais o confirmam: não se sabe ler, não se sabe escrever. E também não se conhece a gramática tradicional. É comum ouvir dos colegas que nossos alunos não sabem o que seja sujeito e predicado. Costuma-se atribuir tal fracasso a várias causas, de diversas naturezas. Certamente nem todas as causas são de nossa responsabilidade (MENESES, 2010).

2.2. Participação dos pais na vida escolar do aluno

Todo educador sabe que o apoio da família é determinante no desempenho escolar. Strick e Smith (2001), ressaltam que o ambiente doméstico exerce um importante papel para determinar se qualquer criança aprende bem ou mal. As crianças que recebem um incentivo carinhoso durante toda a vida tendem a ter atitudes positivas, tanto sobre a aprendizagem quanto sobre si mesmas. Essas crianças buscam e encontram modos de contornar as dificuldades, mesmo quando são bastante graves.

A família também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e as atitudes destes frente às emergências de autoria, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos. (FERNANDES, 2001).

A família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. Assim sendo é preciso que pais, professores e direção da escola criem canais de diálogo. Cada um deve fazer sua parte para atingir o caminho do sucesso escolar, que visa conduzir crianças e jovens a um futuro melhor. Todavia, a família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas (GOKHALE, 1980).

O estresse emocional também compromete a capacidade das crianças para aprender. A discórdia familiar ou doença pode não apenas ser prejudicial em si mesma, mas com o tempo pode desgastar a disposição de uma criança para confiar, assumir riscos e ser receptiva a novas situações que são importantes para o sucesso na escola (STRICK; SMITH, 2001).

Pais que acompanham a lição de casa que não falta às reuniões, cooperativos e atentos no desempenho escolar dos filhos na medida certa, esse é o desejo de qualquer professor. Segundo um estudo publicado no Journal of Family Psychology, da Associação Americana de Psicologia, as crianças que frequentam festas e reuniões familiares têm mais saúde, melhor desempenho escolar e maior estabilidade emocional (PARO, 1999).

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica; (Saeb), 1999 apontou que as escolas que contam com a parceria dos pais, onde há troca de informações com os professores os alunos aprendem melhor. Diversos educadores brasileiros também defendem que a família deve realizar um acompanhamento da escola, verificando se seus objetivos estão sendo devidamente alcançados.

Perez (2009), atribui a ausência da família na escola, ao tempo maluco em que vivemos. "Mudanças que antes ocorriam em 100 anos agora acontecem em dez e está muito difícil acompanhar as novas exigências sociais e culturais", diz. Hoje há uma confusão de papéis, cobranças para as duas instituições e novas atribuições profissionais, exigência do mercado de trabalho.

Em concordância com esse pensamento, Paro (2000), afirma: Parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais a respeito daquilo que é transmitido pela escola. Por outro lado, há uma falta de habilidade dos educadores em promover essa comunicação.

Nesta perspectiva, a escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento escolar dos alunos. "ou os pais cobram o que não deveria ser cobrado ou ficam desmotivados e não participam de uma comunidade que não deixa claro seus objetivos e dinâmicas propostas.

Portanto, é indispensável que a família esteja em harmonia com a instituição escolar, uma vez que, uma relação harmoniosa só pode enriquecer e facilitar o desempenho educacional das crianças.

2.3. O papel docente para minimizar o baixo rendimento escolar

A profissão de professor, como as demais, emerge num dado momento e contexto histórico como resposta às necessidades que foram postas pelas sociedades, adquirindo estatuto próprio e legalidade (PIMENTA, 2002).

No mundo contemporâneo, o crescimento quantitativo dos sistemas de ensino não tem correspondido a um resultado formativo (qualitativo), adequado às exigências da população envolvida, nem às exigências das demandas sociais, passando a exigir uma nova identidade profissional do professor, que por sua vez deve ser construída a partir da significação social. Entretanto, o que se percebe, nos últimos tempos, é que os profissionais da educação tem uma dificuldade de entender as características dos jovens e adolescentes para atendê-los numa relação mais harmoniosa (PIMENTA, 2002).

Sinalizando a origem de uma nova cultura escolar, os professores são estimulados a participar não apenas das atividades de sala de aula, mas, também, da organização e gestão do trabalho escolar. Legalmente, observa-se que a gestão democrática está amparada, tanto pela Constituição Federal (CF 05/10/1988), quanto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394 de 20/12/1996) e, também, pelo Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.127 de 09/01/ 2001).

Para desempenhar adequadamente esse importante papel, o professor não pode ser acomodado, alguém que já se considere ter chegado ao máximo em sua sabedoria. Pelo contrário, deve estar sempre inquieto com o seu trabalho, percebendo que há sempre algo a mais a fazer, muito o que aprender, e, este, deve ser ousado, no sentido de fazer tentativas, experimentos de novos procedimentos.

A gestão da educação, entendida como tomada de decisão, organização, direção e participação, acontece em todos os âmbitos da escola. Ela se desenvolve fundamentalmente, na sala de aula, onde concretamente se objetiva o projeto político-pedagógico não só como desenvolvimento do planejado, mas como fonte privilegiada de novos subsídios para novas tomadas de decisões (FERREIRA, 2008).

Sobretudo, é importante que os professores no desempenho de suas funções assumam uma postura de liderança, uma vez que a mesma propicia uma maior visão, ajudando as pessoas a caminharem rumo a ela. Frente à problemática do baixo rendimento escolar dos estudantes, o professor deve utilizar-se de todos os meios que dispõe para entender as situações que provocam esses resultados e agir com ações eficazes de prevenção a fim de combater o insucesso escolar. Outro fator importante a ser considerado, parte do princípio

que o professor, ainda, não consegue administrar e promover, em sala de aula, a integração de todos.

Sendo assim, os professores estão condicionados a prepararem suas aulas para os alunos bons, que compreendem os conteúdos, apresentam os trabalhos e tarefas em dia, tiram notas boas, estão bem classificados nas escalas de proficiência, enquanto os alunos tidos como “fracos” ficam a mercê do sistema, sofrem com a evasão, a repetência, a discriminação, o estereótipo, ou até mesmo com a promoção automática.

Muitos profissionais até proclamam que a formação dos alunos tem que ser para a vida e basta, no sentido de que se conseguirmos formar homens de bens e não criminosos e/ou marginais a escola já cumpriu muito bem seu papel, sua parcela de responsabilidade para com a sociedade (SOLÉ, 2004).

2.4. A influência da rotina de estudos para o rendimento escolar

Roman e Steyer (2001), ressaltam que é importante o estabelecimento de uma rotina na escola. A rotina deve ser desenvolvida para possibilitar, a partir da organização externa, a segurança emocional e a organização interna de cada estudante. Desse modo, a rotina favorece e complementa o processo de socialização por meio da aprendizagem das regras de convívio em grupo, da formação de vínculos e da aquisição de conhecimentos em todos os âmbitos de desenvolvimento.

Por meio da rotina da escola que são identificadas algumas das queixas comuns na primeira infância, as quais em geral são erroneamente confundidas, por desconhecimento, com diagnósticos como agressividade, hiperatividade e desatenção. Esses diagnósticos, quando analisados com o devido cuidado por meio de entrevista com os pais ou responsáveis pela criança, podem revelar dados importantíssimos e que demandam orientações da própria escola (ROMAN; STEYER, 2001).

Em concordância com os autores, sabe-se que, a rotina é uma organização consciente que a criança apreende desde o nascimento e que se inicia com o exemplo de ações ensinadas pelos pais, fazendo junto e cobrando suas repetições. O exercício da rotina deve ser iniciado por meio das práticas mais simples, tais como horários para dormir e acordar. Progressivamente, a criança é condicionada à disciplina e organização, até que tenha condições para selecionar a utilização do seu tempo organizando, inclusive, uma rotina de estudos.

A respeito do envolvimento do estudante até a iniciativa de estabelecer uma rotina de estudo, Almeida (2002), comenta que as teorias atuais da aprendizagem salientam o papel ativo do aluno, o que implica a capacitação dele para assumir responsabilidades. Isto significa desenvolver comportamentos de maior autonomia chegando-se a uma aprendizagem autorregulada. Assim sendo, quanto mais o aluno conhece suas características, mais clareza terá em relação às tarefas escolares.

2.5. A escola frente às dificuldades de aprendizagem de seus alunos

Para Guerra (2001), estudantes com dificuldades de aprendizagem não são deficientes, não são incapazes e, ao mesmo tempo, demonstram dificuldades para aprender. Incapacidades de aprendizagem não devem ser confundidas com dificuldades de aprendizagem.

Vygotsky (1989), afirma que o auxílio prestado à criança em suas atividades de aprendizagem é válido, pois, aquilo que a criança faz hoje com o auxílio de um adulto ou de outra criança maior, amanhã estará realizando sozinha. Desta forma, o autor enfatiza o valor da interação e das relações sociais no processo de aprendizagem.

Segundo Fonseca (1995), a aprendizagem é uma função do cérebro. A aprendizagem satisfatória se dá quando determinadas condições de integridade estão presentes, tais como: funções do sistema nervoso periférico, funções do sistema nervoso central, sendo que os fatores psicológicos também são essenciais.

Ainda, para Vygotsky (1995), o homem está sempre criando formas de regular e organizar o seu comportamento. A escola e o professor podem auxiliar e ajudar a criança a criar mediadores que a auxiliem na aprendizagem. Por meio da apropriação do conhecimento científico, de acordo com Vigotsky (2000), a criança se desenvolve psicologicamente. O novo conteúdo apropriado, conforme propõe Saviani (2003), passa a fazer parte de sua natureza, torna-se parte da sua individualidade.

Roman e Steyer (2001), afirmam que os conflitos emocionais interferem muito no rendimento da criança. Cabe a escola, na figura do professor, fazer a “escuta” adequada destas manifestações, considerando o estado geral da criança em seu dia a dia, o contexto familiar em que está inserida e os eventuais problemas familiares que possam estar vivenciando, desde o nascimento de um irmão, a morte de um familiar, uma situação de desemprego, separação dos pais, entre outros problemas.

Para tanto, é importante primeiramente, fazer com que os alunos sejam compreendidos e, não, acusados; recepcionados e, não, rejeitados; lembrando que atitude de reforçar para que eles possam sentir-se reconhecidos e fortalecidos, enquanto parceiros nesta relação.

De acordo com Meira (1997), pode-se afirmar que a escola, em seu papel mediador, pode enriquecer o indivíduo e levá-lo à luta pela transformação das relações sociais por meio da apropriação das objetivações genéricas para si, embora possa não dar conta da superação total da alienação produzida pelo sistema.

A Educação é uma das condições fundamentais para que o homem se constitua de fato como ser humano, humanizado e humanizador (MEIRA, 2000).

Segundo Lück (2005), em virtude das necessidades escolares muitos profissionais são envolvidos para lidar com as dificuldades dos estudantes. Quando se refere ao Orientador Educacional diz; “presta serviços na medida em que emergem as necessidades”. O atendimento individual ao estudante, assim como os momentos coletivos tem se caracterizado como uma ação de grande relevância na função exercida pelo referido profissional no cotidiano com o objetivo de contribuir com rendimento escolar dos estudantes.

Mantovanini (2001), quando se refere ao papel que a escola precisa desempenhar, fala da

necessidade de conscientizar os professores para o processo pedagógico, no qual estão presentes três elementos, todos com a mesma importância para o sucesso da aprendizagem: o professor, o conteúdo e o sujeito que aprende. Se o aluno não aprende, os outros dois também falharam neste processo. Precisamos acreditar que todos os casos de aprendizagem são passíveis de solução e que não há caso perdido.

Cabe aos gestores acompanharem e proporcionarem de perto o desenvolvimento integral dos educandos, buscando promover por um lado às conquistas individuais e coletivas e por outro lado, trabalhar com o conhecimento das diferenças individuais e o respeito por elas por meio de discussões, reflexões, interação com a família, comunidade, corpo docente e os demais no processo educativo (MANTOVANINI, 2001).

Segundo Libâneo (2003), a organização torna-se um agrupamento humano formado por interações entre pessoas com cargos diferentes, especialidades distintas e histórias de vidas singulares que, entretanto, compartilham objetivos comuns e decidem, de forma pública, participativa e solidária, os processos e os meios de conquista desses objetivos num estilo de gestão, democrático-participativo, a educação.

Por fim, repensar a gestão dos processos no âmbito escolar é bem pertinente, pela diversidade da clientela que se atende. É necessário refletir sobre as ações que se propõe lembrando que para acontecer às mudanças necessárias alguns conceitos precisam ser revistos, como por exemplo, perceber a construção da família atual e não mistificar o modelo do passado como ideal. Tenha claro que é direito dos responsáveis pelos estudantes opinar, trazer sugestões e participar de decisões sobre questões administrativas e pedagógicas (GOUVEIA, 2004).

3 Percurso metodológico

De acordo com Oliveira (2002), a pesquisa tem como objetivo estabelecer uma série de compreensões a fim de construir respostas para as indagações e questões levantadas nos diversos ramos do conhecimento humano. Contudo, tanto para efeito científico, como profissional a pesquisa envolve a abertura de horizontes e a apresentação de diretrizes fundamentais, que podem contribuir para o desenvolvimento do conhecimento, portanto, pesquisar significa planejar cuidadosamente uma investigação de acordo com as normas da Metodologia Científica, tanto em termos de forma, como de conteúdo.

Para este estudo adotou-se o método qualitativo. De acordo com o pensamento de Miles & Huberman (1994), a utilização da pesquisa qualitativa, além de oferecer descrições ricas sobre uma realidade específica, ajuda o pesquisador a superar concepções iniciais e a gerar ou revisar as estruturas teóricas adotadas anteriormente, oferecendo base para descrições e explicações muito ricas de contextos específicos. Contudo, a pesquisa é um trabalho em processo não totalmente controlável ou revisível.

Adotar uma metodologia significa escolher um caminho e o percurso, muitas vezes, requer ser reinventado a cada etapa. Precisam-se, então, não somente de regras e, sim, de muita criatividade. No entanto, metodologia tem como função mostrar a você como andar no caminho da pesquisa, ajudá-lo a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo.

Segundo Trujillo (apud Marconi e Lakatos, 2004, p.44): Método é a forma de proceder ao longo de um caminho. Na ciência, os métodos constituem os instrumentos básicos que ordenam de início os pensamentos em sistemas traçam de modo ordenado a forma de proceder do cientista ao longo de um percurso para alcançar um objetivo.

Para isso, realizou-se uma pesquisa por meio de entrevistas abrangendo os principais envolvidos no processo educacional (Alunos, Pais, Professores, Psicóloga Escolar e Coordenadora Pedagógica). A estrutura do Ensino Fundamental, nos anos finais, é composta por 10 (dez) componentes curriculares. O sistema de avaliação é trimestral, totalizando três trimestres letivos. A investigação se deu no 8º Ano/9 em 2012, constituída por três turmas, totalizando 108 alunos, compreendidos na faixa etária de 13 a 14 anos. O critério para escolha dos entrevistados foram os 10 (dez) alunos que ficaram em recuperação no maior número de disciplinas no 3º trimestre letivo, variando entre 3 a 5 disciplinas.

A composição geral da amostra totalizou um público com 27 pessoas entrevistadas, conforme distribuição a seguir:

- a) dez estudantes que cursam o 8º Ano/7ª série que ficaram em recuperação no maior número de disciplinas no 3º trimestre;
- b) dez pais dos alunos referidos no item anterior (sendo cinco do sexo masculino e cinco, feminino).
- c) cinco professores das disciplinas de Português, Matemática, História, Geografia e Inglês, disciplinas estas que concentram o maior número de alunos em recuperação;
- d) Coordenador Pedagógico; e
- e) Psicólogo Escolar.

Ao buscar compreender as causas que impactam no baixo rendimento escolar, tendo em vista uma proposta de educação para todos os alunos, visualizando as representações dos profissionais da escola que lidam diretamente com este público, a epistemologia de pesquisa qualitativa tornou-se essencial no desenvolvimento da pesquisa. Ressalta-se que esta compreensão de pesquisa vem oferecer uma forma mais satisfatória de alcançar as requisições inerentes ao estudo da subjetividade, como parte constitutiva do indivíduo e das diferentes formas de organização social.

Para tanto, um diário de pesquisa onde se registrou na íntegra o que foi falado pelos participantes, tornou-se imprescindível à utilização da modalidade metodológica, pois representa não apenas uma transcrição de informações, mas revela com fidelidade a expressão dos entrevistados, sendo fundamental para a reflexão sobre o processo de pesquisa.

4 Resultados e discussão

Foi realizada a discussão dos resultados baseada nas respostas dos entrevistados e fundamentação teórica citando autores que tratam das questões de aprendizagem. Neste diálogo de interação entre entrevistador e entrevistado compreende-se que serão acrescentadas na análise conclusiva importantes contribuições para maior aprofundamento da questão em foco.

4.1. Baixo rendimento escolar sob a ótica dos pais

Na entrevista com os pais foi perguntado inicialmente, de que forma eles acompanham as tarefas diárias dos filhos, se tem ciência que a escola disponibiliza a agenda diária no blog do colégio (recurso de comunicação entre a família e escola, via Internet) e se os mesmos utilizam esta ferramenta.

De 10 (dez) pais entrevistados chamou à atenção ao constatar-se que 7 (sete) deles responderam acompanhar assiduamente todas as tarefas, têm ciência do blog e utilizam a ferramenta. Além disso, 2 (dois) pais relataram que têm ciência da postagem da agenda diária no blog, mas não acessam com frequência e, apenas 1 (um) confirmou que nunca acessou.

No item relacionado à reuniões de pais, 8 (oito) falaram que normalmente comparecem às reuniões da escola e, 2 (dois) disseram que geralmente não participam. Concluindo a entrevista, os pais foram questionados se geralmente procuram os profissionais da escola para atendimento, principalmente, os professores do seu filho, sendo que 9 (nove) deles responderam que procuram a escola sempre quando consideram necessário e, apenas 1(um) respondente afirmou que não é comum ir à escola falar com alguém.

Em relação a esta questão, Paro (2007), relata em sua pesquisa que os pais diziam frequentar a escola regularmente, mas que os profissionais da área educacional reclamavam da ausência da família na escola, e que a realidade era bem diferente do que a exposta pelos pais.

Esses dados relatados pelos pais evidenciaram um elemento bem interessante, vez que eles não são completamente ausentes e, de alguma forma, a maioria deles participa do processo escolar dos filhos, ainda assim, mesmo na realidade de pais presentes, comprovou-se uma acentuada dificuldade de aprendizagem dos referidos alunos.

Nesta circunstância das famílias ouvidas, o resultado não corresponde ao que afirma; Strick e Smith (2001), quando diz que o ambiente doméstico exerce um importante papel para determinar se qualquer criança aprende bem ou mal. Neste contexto, os pais confirmaram presença na vida escolar dos filhos, no entanto, o resultado da aprendizagem dos referidos alunos não se revelou de forma positiva.

Contudo, acredita-se que, apesar do cenário constatado, é importante destacar Carvalho (2000), ao afirmar que uma das tarefas que a família deve exercer na vida estudantil dos filhos é, justamente, a de acompanhar seus estudos, sendo que essa participação pode ser espontânea ou proposta pela própria instituição de ensino.

4.2. Baixo rendimento escolar sob a ótica dos docentes

Ao analisar os resultados da entrevista com os docentes, os cinco professores das disciplinas que concentraram o maior número de alunos em recuperação no ano/ série investigada (Português, Matemática, História, Geografia e Inglês) ao serem questionados quais são os instrumentos de intervenção pedagógica utilizados no seu trabalho quando identificado o

baixo rendimento de alunos em sua turma.

Obteve-se as seguintes respostas: um dos entrevistados falou que antes de pensar o que fazer com os alunos reconhece que a postura do professor, em sala de aula, bem como, suas estratégias em articular o conteúdo teórico, a ser ensinado, com atividades mais dinâmicas e, uma abordagem moderna são, sem dúvida, pontos de partida para a solução de problemas em sala de aula, tanto no sentido disciplinar (comportamento do aluno), quanto no índice de rendimento de conteúdos que serão aproveitados pelo estudante. Os demais respondentes evidenciaram que realizam ações diversificadas com o objetivo de atingir, de alguma forma, os alunos nas suas dificuldades de aprendizagem.

No quadro a seguir, são apresentados os relatos dos docentes na entrevista com relação às intervenções realizadas:

Quadro 1 – Intervenções pedagógicas sob a ótica dos docentes

Principais atividades desenvolvidas
Atendimentos individualizados para entender as dificuldades dos alunos;
Valorização dos conhecimentos prévios.
Exercícios postados no BLOG.
Grupo de estudo em sala de aula.
Revisões de conteúdos de forma participativa.
Realização de trabalhos avaliativos cuja nota incorpora a avaliação formativa.
Orientação para criação de hábitos de estudo e como devem estudar (em relação ao local, ambiente, ruídos e apresentado às várias formas que favorece um ambiente harmonioso de aprendizagem)

Fonte: Entrevista realizada com docentes.

A partir da análise das respostas com relação à primeira questão da pesquisa, pode-se notar que há um consenso entre o que o professor alega oferecer às necessidades dos alunos. Constata-se pela maioria das respostas que há uma harmonia em sala de aula, na relação entre docente e discente, resultando assim, em um melhor trabalho. E que um professor bem preparado em relação ao conteúdo, aliado a uma boa didática, consegue uma maior admiração e respeito.

Além das ações descritas no quadro acima, os professores afirmaram que procuram manter um olhar atento para identificar os casos que não conseguem avançar ao longo do trimestre e encaminham para os especialistas da escola para uma melhor avaliação junto a profissionais clínicos, se julgarem necessário.

Como apontado pelos docentes, o trabalho desenvolvido junto aos estudantes, não demonstrou um grande desequilíbrio, na relação que o professor deve estabelecer com o aluno, frente à comprovação de dificuldades apresentadas no ambiente escolar. Porém, um dos referidos profissionais demonstrou não ter ainda, a habilidade necessária para lidar bem com esta questão, por entender que resultados insatisfatórios acontecem, em sua maioria, pela falta de desejo do aluno de atingir bons resultados. Mediante essa conclusão do

entrevistado evidencia-se a importância de oferecer mais formação aos docentes para melhor contribuir com o crescimento escolar dos estudantes, portadores de dificuldades de aprendizagem.

Desse modo, analisando o que os docentes apontaram, faltou uma ação necessária, que é a parceria com a família, pois essa atitude é muito importante para criar alianças entre essas duas instituições (escola e família) que, se trabalharem em conjunto, podem obter resultados muito mais satisfatórios que separadas.

Este resultado reflete o que Paro (2007), afirma que os docentes não têm iniciativa de trabalho junto à família do aluno, e que esta, também, é carente de habilidade e incentivo para que os filhos tenham bons hábitos escolares.

Portanto, infere-se que a prática docente exige um olhar diferenciado para o exercício das funções e atribuições compatíveis ao cargo. Para tanto, se faz necessário que o mesmo perceba a importância de se preocupar com a qualidade da prática educativa, e, para que isso aconteça, o professor precisa entender a importância da auto avaliação, tendo em vista, o controle e o conhecimento sobre sua missão, suas características e sua didática. Para atingir um constante aprimoramento de seu trabalho, é necessário que ele reconheça que uma formação continuada de suas respectivas qualificações é fundamental.

4.3. Baixo rendimento escolar sob a ótica da gestão da instituição

A complexidade do processo do ensino depende, para seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, de ação coletiva, de espírito de equipe, sendo este o grande desafio da gestão educacional. A própria concepção de gestão educacional considerada como um processo de mobilização do talento e da energia humana, necessária para a realização dos objetivos e da promoção nas instituições educacionais, requer da instituição experiências positivas de formação de seus alunos, demandando a realização de trabalho conjunto e integrado.

Cabe ressaltar, portanto, que, com a denominação de gestão, o que se preconiza é uma nova ótica de direção, voltada para a transformação das instituições e de seus processos, como meio para a melhoria das condições de funcionamento do sistema de ensino e suas instituições.

Segundo Luck (2005) ao observar que não é possível para o diretor solucionar sozinho todos os problemas e questões relativos à sua escola, adotaram a abordagem participativa fundada no princípio de que, para a organização ter sucesso, é necessário que os diretores busquem o conhecimento específico e a experiência dos seus companheiros de trabalho.

Em concordância com a autora o que se observa, concretamente é que, a partir de um processo de gestão democrática, a comunidade escolar, particularmente os gestores são induzidos a melhor planejar o cotidiano escolar; priorizando não só as ações pedagógicas, mas também os processos financeiros, as relações com os pais, alunos e todos os protagonistas do processo educativo, visando o crescimento coletivo e individual.

Mediante os resultados insatisfatórios de baixo rendimento escolar dos estudantes ficou comprovada a necessidade de intervenções no processo pedagógico, a fim de promover a

aprendizagem significativa dos mesmos. Para isso, foi investigado junto aos profissionais, que compõem a gestão da escola, que tipo de acompanhamento os mesmos realizam para contribuir com as dificuldades de aprendizagem dos referidos estudantes, tendo como base as perguntas a seguir:

4.3.1. Instrumentos utilizados junto aos professores para minimizar os efeitos do baixo rendimento dos alunos

Em relação a esta questão foram entrevistados os setores da psicologia escolar e coordenação pedagógica. Inicialmente, um deles afirmou a importância do educador na prática desenvolver um trabalho de qualidade que possa promover o bem estar de todos. Na sequência, ambos citaram alguns procedimentos que realizam junto aos professores, a fim de auxiliá-los na condução do processo de ensino aprendizagem do aluno, como forma de intervenção pedagógica:

i) monitoramento das atividades que compõem a nota da terceira avaliação (AV3); ii) supervisão das tarefas realizadas pelos estudantes, tanto em sala quanto enviadas para casa; iii) acompanhamento dos exercícios postados no BLOG do aluno; iv) plano de intervenção junto aos estudantes que não atingiram a média trimestral (convocação para monitoria no turno vespertino); v) proposta de ressignificação do plano de aula para atender as diversas realidades da sala de aula.

De acordo com Meira (1997, p. 38), pode-se afirmar que a escola, em seu papel mediador, pode enriquecer o indivíduo e levá-lo à luta pela transformação das relações sociais por meio da apropriação, tendo em vista que a educação é uma das condições fundamentais para que o homem se constitua de fato como um ser humano, humanizado e humanizador.

Em concordância com a autora, cabe a gestão da Instituição mediar os processos que acontecem no cotidiano escolar. Todos os meios devem ser utilizados em busca da superação dos limites no âmbito da incapacidade de aprender de alguns alunos para minimizar o sofrimento causado por tal situação.

4.3.2. Intervenção junto à família

Foi perguntado aos entrevistados se existia alguma intervenção envolvendo a família. Os gestores responderam, afirmativamente, e, complementaram com as seguintes atividades desenvolvidas: i) chamamento da família à escola, quando é informada do acompanhamento e observações realizadas pelos professores, em relação ao seu filho; ii) solicitação da família para sistematização do acompanhamento, principalmente, quanto ao estudo diário, e, havendo questionamento da família, por considerar que esta ação já acontece, a escola solicita a identificação de qual é o adulto que acompanha o momento do estudo e para os que não conseguiram estabelecer um horário, a família, também, recebe a orientação de como ajudar nessa questão.

Todavia, a escola não espera pela reunião de pais que acontece a cada trimestre, para tratar das dificuldades de aprendizagem dos seus alunos, os pais são convidados a partir das necessidades apresentadas durante o processo.

Neste sentido, um dos Gestores ao concluir a sua fala afirmou que: Em alguns casos quando a escola não consegue identificar as causas da dificuldade é solicitada uma avaliação clínica, lembrando que esse encaminhamento a especialistas clínicos ocorre quando todos os demais recursos foram utilizados sem resultado.

Como apontado por Collares e Moysés (1994), a educação, assim como todas as áreas sociais, vêm sendo “medicalizada” em grande velocidade, destacando-se o fracasso escolar e seu reverso, aprendizagem, como objetos essenciais desse processo.

Mediante as ações pontuadas pelos Gestores da Instituição, comprovou-se que os mesmos estão exercendo dentro de suas funções um papel bastante significativo, como apontado por Vygotsky (1989), ou seja, o auxílio prestado à criança em suas atividades de aprendizagem é válido, pois, aquilo que a criança faz hoje com o auxílio de um adulto ou de outra criança maior, amanhã estará realizando sozinha. Desta forma, o autor enfatiza o valor da interação e das relações sociais no processo de aprendizagem.

4.4. Baixo rendimento escolar sob a ótica dos alunos

A respeito do envolvimento do estudante até a iniciativa de estabelecer uma rotina de estudo, Almeida (2002), comenta que as teorias atuais da aprendizagem salientam o papel ativo do aluno, o que implica a capacitação dele para assumir responsabilidades.

Na dinâmica da vida escolar dos alunos constatou-se que os mesmos se sentem estigmatizados e excluídos de vantagens sociais, percebendo-se como incapazes e desinteressados, contudo, projetando em suas expectativas de vida futura os efeitos da exclusão. Diante dessa constatação, foi perguntado para os referidos estudantes a visão dos mesmos, relacionado à organização de estudos no horário contrário as aulas.

4.4.1. Influência da rotina de estudos

Num total de 10 (dez) alunos entrevistados que se encontravam em recuperação, ao se perguntar se os mesmos possuíam uma rotina de estudos; 8 (oito) responderam que sim, estabeleceram entre uma a duas horas de estudo diário no horário vespertino. Apenas 1 (um) afirmou não conseguir cumprir o horário regularmente e 1 (um) confirmou não possuir rotina de estudos.

Este último justifica a falta de rotina ao dizer: “sou agitada, não consigo sentar para estudar, fico muito impaciente”.

Portanto, ao ouvir os entrevistados, especialmente os que cumprem uma rotina de estudos, conclui-se que os sujeitos tendem a atribuir a si mesmos as causas do seu insucesso escolar e muitas vezes não se sentem motivados para reagir diante dos desafios apresentados ao afirmarem: “eu não consigo tirar notas boas mesmo estudando”. Contudo, os resultados do estudo sinalizam que a escola da maneira como se apresenta hoje, não pode se eximir de sua parcela de responsabilidade quanto ao sucesso escolar do aluno.

4.4.2. Fatores que interferem no não cumprimento da rotina de estudos

Os fatores revelados pelos 2 (dois) alunos que não conseguiram manter a rotina de estudos foram:

“Fico muito agoniado, sou agitado, não consigo sentar para estudar e completei- moro num apartamento pequeno e tenho um irmão pequeno que me atrapalha bastante. (Entrevistado 1). Barulho da televisão, o computador, vídeo game. Resultado; na prova esqueço o conteúdo, matemática não entendo. (Entrevistado 2).

Roman e Steyer (2001), afirmam ser importante o estabelecimento de uma rotina na escola, a rotina de estudo deve ser desenvolvida para possibilitar, a partir da organização externa, a segurança emocional e a organização interna de cada estudante.

Os entrevistados concordaram que evoluíram um pouco mais na compreensão dos conteúdos, a partir da orientação da escola, do aluno estabelecer uma organização sistemática dos estudos, no turno contrário de aula. Segundo Freitas (2010), a rotina é uma organização consciente que a criança apreende desde o nascimento e que se inicia com o exemplo de ações ensinadas pelos pais, fazendo junto e cobrando suas repetições.

Todavia, pode ser constatado que um dos indicadores que permeiam a prática escolar e que compartilhado direta e indiretamente pelos profissionais é o que tende a considerar que a situação de fracasso escolar tem raízes externas às relações escolares. Essa situação vivenciada por inúmeros alunos é consonante, uma realidade determinante e aniquiladora das possíveis potencialidades destes alunos.

Após a verificação e análise dos resultados apresentados deseja-se contribuir com o campo científico apresentando reflexões pertinentes, sendo importante ressaltar que trata-se de uma realidade educacional, historicamente constituída, possível de ser transformada ou resignificada. Já existem propostas de saídas para este problema, falta os envolvidos no processo abraçar a causa para que aconteça de fato, o estabelecimento das relações entre os saberes científicos e as práticas escolares cotidianas.

5 Conclusões e recomendações

Este estudo se propôs a verificar os fatores que impactam no baixo rendimento dos estudantes do 8º ano do ensino fundamental. Após estudos realizados e interpretação dos resultados da pesquisa, com os públicos envolvidos no processo, constatou-se que a escola contemporânea está diante da complexidade das relações sociais, necessitando rever seus paradigmas, na medida em que, ainda, ocupa um lugar central e de referência na sociedade.

Segundo este dado é relevante que a escola repense sua identidade para não somente acolher a diferença, mas, sobretudo, assegurar a permanência e a aprendizagem de crianças e adolescentes com problemas de aprendizagem.

Nem sempre ficam evidentes os reais motivos que provocam o baixo rendimento dos estudantes, sabe-se, de modo geral, que este é um fenômeno de causas múltiplas. Contudo, os educadores precisam de habilidades necessárias para administrar a questão em foco e buscar se apropriar de estratégias para conduzir as dificuldades do aluno que surgem no

cotidiano escolar e que tem provocado danos muitas vezes irreparáveis na formação intelectual do estudante.

Segundo Rocha (2004), apesar das dificuldades se apresentarem no aluno, apenas pode ser compreendida quando se analisa o processo ensinar-aprender e todas as variáveis envolvidas.

Por outro lado, ficou evidente que o baixo rendimento escolar evidencia uma particularidade do sujeito; quer dizer, uma dificuldade, na medida em que traz à tona um sofrimento decorrente do conflito em que o sujeito se encontra. Neste sentido, é importante um trabalho clínico articulado com o trabalho educacional.

Contudo, frente à problemática do baixo rendimento escolar dos estudantes do Ensino Fundamental, sugere-se que o professor utilize de todos os métodos e técnicas disponíveis para entender as situações que provocam esses resultados e agir com ações eficazes de prevenção, visando combater o insucesso dos estudantes. O diálogo interdisciplinar é fundamental uma vez que se constatou que baixo rendimento escolar é fruto de uma complexidade de fatores, exigindo um olhar amplo e integrado.

Essa afirmação se confirma nos itens referentes à participação da família que não ficou comprovada uma ausência acentuada dos pais, na vida escolar dos filhos; quanto a rotina de estudos de 10(dez) alunos entrevistados 8(oito) confirmaram o cumprimento na organização dos estudos e, em relação às ações desenvolvidas pelos docentes e gestão da instituição de ensino ficou comprovada ações contínuas de intervenções, frente às dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes.

Portanto, infere-se que o cenário investigado trata de mudanças que precisam resgatar os sujeitos, mas exigem fundamentalmente novos direcionamentos das práticas educacionais enraizadas em nosso sistema educacional.

A conclusão do estudo revelou-se ampla e subjetiva para uma compreensão de possíveis respostas para o grande desafio que é o universo do processo de ensino e aprendizagem, no ambiente escolar, pois os fatores que são promotores do sucesso intelectual dos estudantes não dependem tão somente do aluno, todavia, de professores capacitados para atender as demandas e particularidades de cada estudante, da escola que precisa subsidiar a equipe docente e promover condições para o exercício pleno da docência e, por fim, da família que acredita no projeto pedagógico sendo convidada a participar intensamente da vida escolar do filho.

Finalmente, este estudo foi de grande valia no sentido de ter favorecido maior apropriação do tema proposto. Todavia, recomenda-se a continuidade do estudo, uma vez que o resultado das investigações não comprovaram os reais motivos da dificuldade de aprendizagem dos participantes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M.; NOGUEIRA, M. A. (org.). A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BRASIL. Lei 9394 de 23 de dezembro de 2006. LDBN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc>. Acesso em: 29 nov. 2012.
- CARRAHER, T. N; SCHLIEMANN, A. L. D. Cultura, escola, ideologia e cognições: continuando um debate. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 57, pp. 78-85, maio, 1982.
- CARVALHO, M. E. P. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero e as estratégias de sucesso escolar. Cadernos de pesquisa, São Paulo, n. 110, p. 143-155, jul, 2000.
- COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (a patologização da educação). Série Idéias n. 23, São Paulo, FDE, pp. 25-31, 1994.
- DORNELES, B. V. As várias faces do caleidoscópio: anotações sobre o fracasso escolar. Porto Alegre: Novembro, 1999.
- FERNANDES, A. O saber em jogo. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FERNANDEZ, A. A inteligência aprisionada: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FERREIRA, N. S. C. A gestão enquanto instrumento para a construção e qualificação da educação. Disponível em: <<http://www.google.com/search?cache=scGHPcjyEJ:www.centrorBR&ct=clnk&cd=3&gl=BR>>. Acesso em: 07 jul. 2008.
- FONSECA, V. Introdução às dificuldades de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GOKHALE, S. D. A família desaparecerá?. In Revista Debates Sociais nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.
- GOUVEIA. Ação Educativa. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_indqua.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2012.
- GUERRA, V. N. A. Qual o papel da escola frente às dificuldades de aprendizagem. Disponível em: <www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp.entriD=506>. Acesso em: 14 fev. 2004.
- LIBÂNEO, J. C. Organização e gestão da escola: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2003.
- LIPPITZ, W., & Levering, B. (2002). And now you are getting a teacher with such a **long name**. *Science*, 18(2), 205-213.
- LUCK, H. et al. A escola participativa o trabalho do gestor escolar. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MANTOAN, M. T. E. Compreendendo a Deficiência Mental: novos caminhos educacionais. São Paulo: Scipione, 1988.

- MANTOVANINI, M. C. Professores e alunos problemas: um círculo vicioso. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Atlas, 2004.
- MEIRA, M. E. M. Psicologia Escolar: pensamento crítico e práticas profissionais. Tese de Doutorado em Psicologia. São Paulo: Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, 1997.
- MEIRA, M. E. M; ANTUNES, M. A. M. Construindo uma concepção crítica de Psicologia Escolar: contribuições da pedagogia histórico-crítica e da psicologia sócio-histórica. In: MEIRA, M. E. M; ANTUNES, M. A. M. Psicologia escolar: teorias críticas. São Paulo: Casa do Psicólogo: 2003.
- MENEZES, L. C. A escola dos últimos 25 anos. In Revista Nova Escola. Ed nº 239, p. 146, jan./fev. 2011.
- MILES, M.; HUBERMAN, M. Qualitative data analysis. London: Sage Publications, 1994.
- MOYSÉS, M. A. e COLLARES, C. A. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico. Série Idéias – FDE, São Paulo, n. 23, p.25-31, 1997.
- OLIVERA, J. B. A. Correção do fluxo escolar. Cadernos de pesquisa, São Paulo, n. 116, pp.1777-215, jul, 2002.
- PARO, V. H. Por que os professores reprovam: resultados preliminares de uma pesquisa. Rio Comprido: v. 8, n. 28, pp. 273-282, jul./set. 2000.
- PARO, V. H. Qualidade do ensino: a contribuição dos pais. [s.l.]: Xamã. 1999.
- PATO, M. H. S. A produção do fracasso escolar. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.
- PEREZ, M. C. A. Infância, família e escola: práticas educativas e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares. São Paulo: Suprema, 2009.
- PIMENTA, S.G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S.G. (Org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2002.
- PERRENOUD, P. Pedagogia diferenciada: das intenções a ação. Porto Alegre: Artmed. 2000.
- REBELO, J.A.S. Dificuldades da leitura e a escrita em alunos do Ensino Básico. Rio Tinto: Edições Asa, 1993.
- ROCHA, E. H. Crenças de uma professora e de seus alunos sobre o processo ensino - aprendizagem. Dissertação de Mestrado. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1995.
- ROMAN, E. D.; STEYER, V. E. A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: Um retrato multifacetado. Canoas: ULBRA, 2001.
- SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 2003.
- SOLÉ, I. Das capacidades à prática educativa: Aprender Conteúdos & Desenvolver Capacidades. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

SOUZA, M. P. R. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. In: MACHADO, A. M; SOUZA, M.P.R. (org.). Psicologia escolar: em busca de novos rumos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

STRICK, C.; SMITH, L. Dificuldades de aprendizagem de A a Z – Um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

VYGOTSKY, L. S. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.